

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

**Filosofia Política,
Educação, Direito e
Sociedade 7**



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 7

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 7 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-100-8

DOI 10.22533/at.ed.008190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR E A IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS	
Bárbara Alves de Jesus	
Fernanda Duarte Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904021	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO RESERVADO AO LÚDICO NA ROTINA DE TRABALHOS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
Fabiana Aparecida Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.0081904022	
CAPÍTULO 3	16
PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM MOVIMENTO: PRÁTICAS INCLUSIVAS NA UFG/RC	
Thais Ferreira dos Santos	
Aline Rosa da Costa	
Thimoteo Pereira Cruz	
Nubia de Fatima Felix Ferreira	
Tacila da Costa Marinho	
Isabella Oliveira Pacheco	
Nayane Alves Pereira	
Laryssa Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0081904023	
CAPÍTULO 4	25
FORMAÇÃO CONTINUADA EM ONTOPSICOLOGIA: SIGNIFICADOS E SENTIDOS	
Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 5	37
JUVENTUDE, CULTURA MÍDIÁTICA E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI	
Luiz Fernando Ribeiro de Paiva	
José Carlos Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 6	44
A PERSISTÊNCIA DOS CAMPONESES NA PROPRIEDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RIBEIRÃO EM CATALÃO (GO)	
Matheus Santos Medeiros	
Hugo Henrique Sousa de Lisboa	
João Manoel Borges de Oliveira	
Mariana Melo Mesquita de Siqueira	
Rener Rodrigo Pires	
Talita Neri Caetano de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0081904026	

CAPÍTULO 7	52
O ENSINO EM MATO GROSSO SEGUNDO O OLHAR DO PRESIDENTE DE ESTADO DOM AQUINO CORREA	
Emilene Fontes de Oliveira Thalita Pavani Vargas de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904027	
CAPÍTULO 8	63
REDESCOBRINDO O HUMANO: ANTAGONISMOS COLETIVOS E A BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO	
Gisele da Silva Rezende da Rosa Josiane Custódio de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0081904028	
CAPÍTULO 9	68
TRADUÇÃO E EQUIVALÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O DISCURSO ORIGINAL DE DONALD TRUMP E SUA RESPECTIVA TRADUÇÃO	
Maria Laura Golfiere Moura Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.0081904029	
CAPÍTULO 10	84
REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	
Paula Santana Carvalho Adriana Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.00819040210	
CAPÍTULO 11	97
REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E CINEMA E BREVE DISCUSSÃO SOBRE A PERSONAGEM FEMININA	
Carla Rosane da Silva Tavares Alves Andréia Mainardi Contri	
DOI 10.22533/at.ed.00819040211	
CAPÍTULO 12	109
SABERES E PRÁTICAS EM PROCESSOS FORMATIVOS DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO POPULAR	
Lucinete Gadelha da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.00819040212	
CAPÍTULO 13	119
REALIZANDO PESQUISAS COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: CENAS DO PROTAGONISMO INFANTIL	
Viviane dos Reis Silva Tacyana Karla Gomes Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.00819040213	

CAPÍTULO 14	128
PRIMEIRAS LIÇÕES DE CULTURA E CIDADANIA NO <i>SEGUNDO LIVRO DE LEITURA PARA A INFÂNCIA</i> : NA ESCOLA E NO LAR, DE THOMAZ GALHARDO	
Valdeci Rezende Borges Elmar Severino Ribeiro Junior	
DOI 10.22533/at.ed.00819040214	
CAPÍTULO 15	144
PESQUISAS COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS RURAIS: VISIBILIDADES, APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E REFLEXÕES	
Patrícia Júlia Souza Coêlho	
DOI 10.22533/at.ed.00819040215	
CAPÍTULO 16	154
OS MANUAIS DE CIVILIDADE NO JORNAL, <i>O PUBLICADOR</i> (1862-1886)	
Carolina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.00819040216	
CAPÍTULO 17	164
UM ESTUDO SOBRE A DEMANDA DO CURSO TÉCNICO EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ, NA VISÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA 3º ETAPA DO ENSINO MÉDIO	
Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.00819040217	
CAPÍTULO 18	177
OS VALORES SOCIAIS E O ENSINO SUPERIOR NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO	
Herika Paiva Pontes Luana de Sousa Oliveira Rafaela Lima Nascimento Maria Helena de Agrela Gonçalves Jardim Geraldo Bezerra da Silva Júnior Mirna Albuquerque Frota	
DOI 10.22533/at.ed.00819040218	
CAPÍTULO 19	184
POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CAMPESINATO: DA COLÔNIA AGRÍCOLA AO IF GOIANO <i>CAMPUS CERES</i>	
Marco Antônio de Carvalho Claudecir Gonçalves Léia Adriana da Silva Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.00819040219	
CAPÍTULO 20	198
POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE – A NORMA GERAL DE AÇÃO (NGA) DO COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE (CMCG) – MS	
Ferdinanda Dias de Oliveira Kloppel	
DOI 10.22533/at.ed.00819040220	

CAPÍTULO 21 210

EMPRESA: OPORTUNIDADE PARA O JOVEM FAZER, SABER E SER -A PEDAGOGIA DA AÇÃO: DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E PRÁTICO

[Bernardina Teresinha Amantino](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040221

CAPÍTULO 22 214

PERFIL DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE

[Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro](#)

[Luciane Helena Mendes de Miranda](#)

[Vera Maria Nigro de Souza Placco](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040222

CAPÍTULO 23 226

PERFIL DE PRODUTORES AGRÍCOLAS E EDUCAÇÃO ORÇAMENTÁRIA: CONSIDERAÇÕES PARA PARTICIPANTES DE FEIRA AGROECOLÓGICA, ASSISTIDOS PELA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE BASE – CRATO – CE

[Valéria Feitosa Pinheiro](#)

[Guilherme Silva Nascimento](#)

[Christiane Luci Bezerra Alves](#)

[José Alex do Nascimento Bento](#)

[Adriana Correia Lima Franca](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040223

CAPÍTULO 24 238

A CATEGORIA TRABALHO EM TEMPOS DE CRISE DO CAPITAL

[Ingridy Lammonikelly da Silva Lima](#)

[Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida](#)

[José Rangel de Paiva Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040224

CAPÍTULO 25 249

A COMISSÃO DE SANEAMENTO E PROFILAXIA RURAL DA PARAÍBA: OS LIMITES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

[Silvera Vieira de Araújo Holanda](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040225

CAPÍTULO 26 261

TERRITÓRIOS MULTIDIMENSIONAIS: INTELIGENCIA CULTURAL E EDUCAÇÃO SOCIAL EM COMUNIDADES FAXINALENSES DO PARANÁ

[Tiago Augusto Barbosa](#)

[Franciele Moreto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040226

CAPÍTULO 27 270

RESULTADO DO PISA NO PIAUÍ: O QUE MUDA NA GESTÃO EDUCACIONAL?

[Nemone de Sousa Pessoa](#)

[Jovina da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040227

CAPÍTULO 28 284

A CIDADE NOS FAZ PENSAR

Daniela da Rosa Molinari

Marcele Scapin Rogério

DOI 10.22533/at.ed.00819040228

CAPÍTULO 29 295

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E ESTUDOS DE GÊNERO

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Viviane Oliveira Augusto

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.00819040229

SOBRE A ORGANIZADORA..... 304

UM ESTUDO SOBRE A DEMANDA DO CURSO TÉCNICO EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ, NA VISÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA 3º ETAPA DO ENSINO MÉDIO

Juliane Vargas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
Paracuru - Ceará

RESUMO: O presente trabalho se propôs a estudar a baixa demanda do Curso técnico de nível médio subsequente em pesca do Instituto Federal do Ceará, campus Acaraú, apesar da vocação histórica do município voltada à atividade da pesca. Considerando as hipóteses de que o baixo interesse pelo curso poderia estar associado às condições de vida dos pescadores e que os pais dos potenciais alunos do IFCE não incentivam a escolha do curso, por não vislumbrarem perspectivas de futuro nessa área, fez-se necessário conhecer essa realidade. Nesse sentido, o objetivo da investigação foi analisar a percepção dos genitores ou responsáveis legais dos concluintes do 3º ano do Ensino Médio das Escolas Públicas de Acaraú, público alvo do IFCE, sobre a atividade da pesca, a valorização ou não da profissão de pescador, suas principais dificuldades e o futuro dos filhos. Como suporte teórico abordouse o caráter transgeracional da atividade e as vicissitudes do pescador artesanal, sob a ótica de representantes da socioantropologia marítima. A perspectiva utilizada foi o estudo de campo. A pesquisa, de abordagem qualitativa,

utilizou como instrumento de coleta de dados a aplicação de entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos apontam que, por ser a pesca uma atividade árdua, perigosa e de baixa remuneração, pode levar à baixa demanda do curso. A construção de arranjos produtivos locais e a aproximação do Instituto com a comunidade de pescadores, por meio de ações de extensão que elevem a autoestima desta categoria e estimulem o empreendedorismo e associativismo, podem contribuir para a elevação da demanda.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca. Curso Técnico Subsequente. Demanda.

ABSTRACT: The present work aims the study of the low demand of the technical fishing course of secondary level of the Federal Institute of Ceará, Campus Acaraú, despite the historical vocation of the city as to the fishing activity. Considering the hypotheses that the low interest in the course could be associated with the living conditions of the fishermen and that the parents of the potential students of the IFCE do not encourage the choice of the course, because they do not envisage future prospects in this area, it became necessary to know this reality. In this sense, the objective of the investigation was to analyze the perception of the parents or legal guardians of the graduates of the 3rd year of the High School of the Public

Schools of Acaraú, target public of the IFCE, about the fishing activity, whether or not the fisherman's occupation is valued, their main difficulties and the future of their children. As a theoretical support, the transgenerational character of the activity and the vicissitudes of the artisanal fisherman were approached from the perspective of representatives of marine socio-anthropology. The perspective used was the field study. The research, with qualitative approach, used as instrument of data collection the application of semi-structured interview. The results show that, since fishing is an arduous, dangerous and low-paying activity, it can lead to low demand for the course. The construction of local productive arrangements and the approach of the Institute to the fishing community, through extension actions that raise the self-esteem of this category and stimulate the entrepreneurship and associativism, can contribute to the increase of the demand.

KEYWORDS: Fishing. Subsequent Technical Course. Demand.

1 | INTRODUÇÃO

No início da última década, o Brasil apresentou elevado índice de crescimento econômico, sobretudo se comparado às economias da Europa e América do Norte. Tal fato, aliado ao controle inflacionário existente desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (Plano Real), permitiu uma evolução da área educacional, tanto no setor público quanto no privado.

Neste contexto, foi instituída, por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008), a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino.

Atualmente o Instituto Federal do Ceará - IFCE é composto por 34 *campi*, entre os quais a unidade no município de Acaraú. Por se tratar de uma região de grande potencial hídrico, extensa margem litorânea, clima tropical e abrigar comunidades de pescadores que desenvolvem a atividade pesqueira, o *campus* opera com o eixo tecnológico da área marítimo-portuária, voltada à pesca e aquicultura.

À época da pesquisa, a Instituição ofertava 02 (dois) cursos de graduação (Licenciatura em Física e Ciências Biológicas) e 04 (quatro) cursos técnicos de nível médio subsequentes, destinados àqueles que concluíram o Ensino Médio (Pesca, Aquicultura, Construção Naval, Restaurante e Bar).

Dentre os 4 cursos ofertados, o curso de pesca é o que apresentava menor demanda, posicionando-se como última opção em termos de preferência pelos candidatos concorrentes às vagas da Instituição. Considerando o potencial e a vocação laboral da região voltados à atividade pesqueira, o que justificaria a baixa demanda? As hipóteses de trabalho foram no sentido de que a baixa demanda se dá

em função do não reconhecimento social e da marginalização do pescador e, também, de que os pais dos alunos do Ensino Médio não estimulam a escolha do curso por não vislumbrarem perspectivas de futuro na área da pesca. Para responder a indagação optou-se por uma abordagem qualitativa, elegendo-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada com os genitores ou representantes legais dos alunos das 4 (quatro) escolas estaduais de ensino médio do município, público alvo do IFCE.

Assim, o objetivo da investigação foi analisar a percepção dos genitores ou responsáveis legais dos concluintes do 3º ano do Ensino Médio das Escolas Públicas de Acaraú, público alvo do IFCE, sobre a atividade da pesca, a valorização ou não da profissão de pescador, suas principais dificuldades e o futuro dos filhos.

O trabalho abordou temas relacionados à pesca, ao perfil e o modo de vida do pescador artesanal, suas vicissitudes e o caráter transgeracional de sua atividade, onde se disserta sobre a influência do ambiente familiar na formação de seus integrantes e sobre os reveses da atividade pesqueira artesanal, este último baseado nos estudos de Antonio Carlos Diegues (1983) e Simone Carneiro Maldonado (1986 e 1993), representantes da socioantropologia marítima.

2 | APORTE TEÓRICO E METODOLOGIA

A pesca no Brasil, embora seja uma atividade milenar, é questão recente na área educacional. Os últimos anos apontam aumento da demanda nacional e mundial pela proteína derivada do pescado, o que torna o Brasil um potencial produtor em razão de sua extensa faixa litorânea (8.000 km) e 12% de toda a água doce do planeta (8,2 bilhões de m³) (MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA, 2014).

O artigo 8º da Lei nº 11.959/2009 classifica a pesca em comercial e não comercial. A primeira divide-se em pesca artesanal e industrial.

Maldonado (1986), sob uma perspectiva humanista e antropológica, analisou os pescadores e os fenômenos que ocorrem em sociedades marítimas. A autora define os pescadores artesanais como aqueles que praticam uma pesca caracterizada pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo de produção.

Em relação à pesca industrial, esta compreende a utilização de embarcações de médio e grande porte, o uso de tecnologia sofisticada e depende de infraestrutura portuária para o desembarque do pescado, tendo em vista sua atividade se dar em larga escala.

Segundo dados apresentados pelo extinto Ministério da Pesca e Aquicultura, estima-se que um em cada duzentos brasileiros são pescadores artesanais, sendo estes os responsáveis por aproximadamente 45% de toda a produção anual de pescado desembarcada.

O ambiente familiar influencia na educação e formação de seus integrantes. A alteração de alguns conteúdos culturais se deve aos condicionantes histórico-sociais

presentes na vida das gerações procedentes, salienta Garcia:

Outro favor que caracteriza a transgeracionalidade nas famílias, e que vai além da mera repetição de padrões culturais, é a tentativa, em muitos casos, de rejeição do modelo familiar de origem e a busca de novos padrões ou do modelo oposto pelas gerações mais jovens (FALCKE & WAGNER, 2005). Mesmo nesses casos ocorre a transmissão cultural, porém estas gerações mais jovens repensam os conteúdos culturais transmitidos e tentam não reproduzir os aspectos considerados insignificantes ou desfavoráveis ao bem-estar das gerações procedentes. (GARCIA, 2007, p. 19)

Transportando o contexto exposto anteriormente para uma família típica de pescadores, é de se supor que a vida árdua do homem do mar contribua para que este faça uma reflexão de sua própria história e projete no filho as expectativas e oportunidades que ele não teve. Neste sentido, Bornholdt e Wagner (apud GARCIA, 2007) destacam:

A integração da criança na família envolve o ensino de habilidades sociais e a transmissão de normas culturais. Este é um processo que, gradualmente, leva os progenitores a olharem para si e a partir de suas vivências anteriores, buscarem modelos (ou antimodelos) em como exercer a parentalidade. Esse olhar pode representar a espera de que o filho tenha oportunidades, no mínimo iguais, ou, em algumas ocasiões, exatamente opostas às suas vivências em épocas anteriores. Nesse sentido, esse é um momento que a evolução da vida favorece um encontro com o passado. (apud GARCIA, 2007)

Atividade pesqueira artesanal, pela sua presença na construção do conhecimento coletivo e no compartilhamento cotidiano de sua prática entre os familiares, reforça o seu caráter transgeracional. Contudo, segundo Garcia (2007), há um generalizado receio quanto à continuidade da atividade pesqueira pelas gerações procedentes. Tais famílias não desejam que seus filhos vivenciem as situações de risco inerentes à pesca, entre as quais, os perigos do mar e as dificuldades socioeconômicas.

Não bastasse ser a pesca uma atividade árdua e perigosa, ela também não proporciona boas condições de vida aos pescadores em razão da baixa remuneração que oferece. Isso se deve, em grande parte, aos atravessadores ou intermediários.

Diegues, em sua obra intitulada “Pescadores, Camponeses e Trabalhadores no Mar”, assinala:

Para os pescadores artesanais a cidade é o mercado por excelência, onde dia a dia eles se defrontam com os atravessadores no momento de vender o peixe. É ali também que vão procurar o combustível, o gelo, o óleo. É ali que eles habitam também, geralmente em casas pobres, nos arrabaldes da cidade, ou entulhados na área do porto. Desapareceu a roça, a plantação e surgiu o mar, para onde diariamente saem para buscar o peixe, imediatamente transformado em valor de troca. (DIEGUES, 1983, p. 221)

Por ser o pescado um produto perecível, a sua produção exige investimentos, como aquisição de gelo e câmaras de refrigeração. E por não dispor o pescador de recursos suficientes à manutenção desses investimentos, submete-se à uma relação desvantajosa e dependente com o intermediário/financiador. Formam-se, assim, duas polarizações sociais: de um lado, o produtor independente - que auferir de seu trabalho

baixa remuneração; de outro lado o comerciante financiador - que toma para si a maior parte do lucro (DIEGUES, 1983).

Sobre essa perniciosa relação, o citado autor, ilustrando caso de expropriação dos pescadores de seus meios de produção, relata uma situação ocorrida no Estado do Ceará:

No Ceará, por exemplo, firmas de comercialização de lagosta chegaram em algumas praias emprestando os manzuás (covos para a captura da lagosta) aos pescadores, que, em contrapartida, lhes vendiam a produção. Em breve, começaram a financiar a reposição das jangadas. Pouco depois, a firma era a proprietária da maioria dos meios de produção. Quando a predação levou à diminuição da produtividade, a firma levou embora os manzuás, deixando os pescadores na miséria (DIEGUES, 1983, p. 240).

Outros fatores como a alimentação deficiente, poucos hábitos de higiene, problemas de pele e cegueira, decorrentes da constante exposição ao sol, também podem comprometer o modo de vida dos pescadores, desencorajando as gerações futuras a desenvolverem a atividade de pesca, como salienta Callou (2010), em seu artigo *Povos do Mar: herança sociocultural e perspectivas no Brasil*.

Diegues (1983) assinala que, por se tratar de uma população pobre, sem renda fixa e vivendo de atividade aleatória, é comum os pescadores despertarem atitudes de desprezo por serem considerados “gente de segunda categoria”. As considerações de Muniz (2005) confirmam as afirmações de Diegues quanto à desvalorização dos pescadores, que são vistos como “preguiçosos e vagabundos”.

Por ser a pesca artesanal uma atividade baseada na simplicidade, o caráter de pequena produção não possibilita ao pescador uma acumulação constante, vez que depende, basicamente, dos ciclos naturais. A sua reprodução como produtor independente está ligada, necessariamente, à abundância de pescado nas áreas costeiras que pode alcançar com a sua embarcação. Entretanto, estando o pescador cada vez mais dependente do mercado, isso pode levá-lo a explorar os recursos pesqueiros além de sua capacidade de reprodução natural, ocasionando, assim, uma predação desordenada de tais recursos. Isso poderá gerar o seu fim como produtor independente e sua proletarização em algum barco de pesca industrial ou, quiçá, sua marginalização como subempregado nas cidades (DIEGUES, 1983).

Lopes et al. (2011, p. 192), complementando Diegues (1983), pontua que a escassez dos recursos naturais e o baixo nível de escolaridade e qualificação profissional geram sentimentos de descrença e impotência: “É comum ouvirmos os pescadores afirmarem: - ‘Não quero que meu filho seja pescador’, hoje pesca-ador!”

O delineamento metodológico escolhido para esta pesquisa foi de uma abordagem qualitativa e teve como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, com roteiro flexível. Foram entrevistados 25 pais – 11 homens e 14 mulheres - no período de 09 de abril a 23 de setembro de 2015, na sede do Município de Acaraú e Distritos de Aranaú e Juritianha (zona rural). O objetivo foi analisar a percepção dos entrevistados sobre a atividade da pesca, a valorização ou não da profissão de

pescador, suas principais dificuldades e o futuro dos filhos.

As falas foram organizadas e reduzidas em categorias de análise (escolaridade, valorização da profissão, o futuro profissional do filho e a atividade de pescador), para melhor compreensão do todo, utilizando-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escolaridade das pessoas influencia diretamente na forma como elas veem a si mesmas e o mundo que as cerca, por isso se entendeu relevante conhecer esse dado do universo dos genitores dos alunos. Dos 25 entrevistados, entre pais e mães, 7 se declararam analfabetos. Dentre os 7 não escolarizados, 3 são pescadores e 1 é marisqueira.

Os números demonstram que a maior parte das pessoas analfabetas entrevistadas está ligada à atividade da pesca, fato que corrobora com os dados extraídos do Registro Geral da Pesca, RGP, que indicam que 85,41% declararam possuir ensino fundamental incompleto, ressaltando-se que nessa faixa também estão inclusos os não alfabetizados. Tais percentuais se aproximam das informações prestadas pela Presidente da Colônia de Pescadores de Acaraú – Z2, que afirmou ser de 90% o índice de analfabetismo entre os pescadores da região.

A maioria dos entrevistados afirmou não ser a profissão de pescador valorizada pela sociedade:

É porque não tem valor mesmo aqui, tem dias que a gente vai pegá o que comer, tem dia que vai passa 2, 3 dias pra fazer 5 real, 10 real, aí é melhor ficar dentro de casa limpando cajueiro. **Seu Benedito, pescador há mais de 20 anos, aprendeu o ofício com o pai.**

Eu acho não, pra mim não. Meu marido é pescador desde o tempo que a gente se juntou, tem uns quase 25 anos e era pra ter outra vida né, outra melhora, outra coisa e é a mesma coisa. **Dona Maria, do lar, esposa de pescador.**

Nem um pouco, nada de valorizada não, não tem ajuda de ninguém, bem dizer ninguém, como aqui no Acaraú mesmo tem a Colônia, mas se você chegar e dizer assim...o pescador chegou quebrou o pé e for pra colônia pra receber o auxílio doença, você pode voltar pra casa, se você não tiver uma família que lhe ajude você passa fome, você passa fome (...). **Seu Pedro, ex pescador.**

(...) pescador aqui não tem valorização de nada, a valorização do pescador aqui é mínima, mínima das mínimas, (...) ele é pra ser visto como todas as outras profissões que merecem respeito né, (...) mas a valorização ao homem que pesca nenhuma, por parte dos nossos governantes é um descaso muito grande, eu não vejo nenhum movimento, eu não vejo nenhum apoio, eu não vejo nenhum auxílio, nada que tenha a favor do pescador. **Conceição, professora de ensino fundamental, filha de pai pescador, irmã de pescadores e esposa de ex pescador.**

As razões mais recorrentes estão ligadas à baixa remuneração que a atividade oferece, à não melhoria das condições de vida, ao não acesso a determinados

certos benefícios sociais e a ausência de políticas públicas para essa categoria, o que configuraria, não apenas a marginalização dessa categoria, mas também grave violação do princípio da dignidade da pessoa humana.

Outro fator também recorrente à não valorização da profissão de pescador está ligado, para alguns entrevistados, à postura inadequada em sociedade do próprio pescador, resultante, sobretudo, do uso habitual de drogas, lícitas e ilícitas, e o envolvimento com prostituição:

(...) muitos deles recebem dinheiro, mas num dão valor ao que ganha né, gastam com negócio de bebida, droga aqui tem muita aqui (...) eles eram pra se valorizar mais no serviço deles (...) às vezes prefere gastar com bebida do que dá à própria alimentação de casa. **Seu Roberval, motorista de ambulância.**

(...) inconscientemente eles recebem aquele trocadinho e muitos deles ao invés de vir pra casa, trazer esse trocado pra dentro de casa, pra família, pros filhos (...) esse trocadinho fica numa droga, num vício, numa bebida, esse trocadinho vai pra casa de prostituição (...) a realidade que eu vejo aqui na minha cidade é esta e aí a família sofre (...). **Dona Conceição, professora de ensino fundamental, esposa de ex pescador.**

Sobre o futuro profissional dos filhos e se incentivariam ou não o ingresso dos mesmos no curso de pesca, a maioria afirmou que não incentivariam o filho (a) e ingressar no curso:

Eu acho que outra profissão era melhor do que a pescaria, do que o curso de pescador né. **Seu Joaquim, pescador.**

Fosse por mim mesma eu mandava ela fazer um curso assim, pra trabalhar assim, de secretario num banco (...) porque a gente trabalhar no sol como eu fiz pra criar elas não é bom não, agora já trabalhar assim na sombra já é melhor né, pra mim o meu gosto era esse, mas não é minha vontade é o dela. **Dona Marcilene, marisqueira.**

Pesca? Não, sobre pesca não. Eu acho uma profissão perigosa (...) eu não aconselhava ele trabalhar nessa área não. **Seu Adoniran, eletricista.**

Não, porque não tem futuro não. **Seu Benedito, Pescador.**

Das respostas extraem-se justificativas diversas (a pesca é perigosa, existem outros meios de se ganhar melhor etc), entretanto uma se repetiu: a de que não dá futuro. É compreensível, portanto, que os pais não desejem que os filhos exerçam uma profissão que não lhes garanta condições mínimas de vida, oferecendo indícios de que “Os pais ou responsáveis pelos alunos do Ensino Médio não estimulam a escolha pelo Curso Técnico de Nível Médio em Pesca, por não vislumbrarem perspectivas de futuro na área da pesca”.

Aos entrevistados que exercem ou já exerceram a profissão de pescador foram solicitados a falar sobre o exercício da pesca:

(...) pescador é uma vida sofrida (...) a gente vai e não sabe se a gente volta, porque é uma vida perigosa, a gente não consegue dormir de noite, uma vida muito sofrida, graças a Deus eu saí dessa vida, saí assim porque era pra longe né, agora

é só aqui pertinho de casa mesmo (...) pra longe eu não fui mais não, nem tô mais a fim de ir, tenho fé em Deus. **Seu Epaminondas, pescador há 33 anos.**

Não ganha nada, é pouco, sofre muito no mar. **Seu Luiz, ex pescador.**

Sufrimento e perigo foram as palavras mais constantes nas respostas dos pescadores. Sobre as maiores dificuldades dessa profissão, as mais citadas foram o perigo de se trabalhar no mar, a baixa lucratividade da atividade, a imprevisibilidade da produção, a escassez do pescado e os problemas de saúde resultantes do exercício da profissão, nessa ordem.

Percebe-se que a pesca, apesar de arriscada e de produção incerta, se configura para alguns, principalmente os de baixa escolaridade, a única forma de garantia do sustento próprio e da família:

(...) aqui é sem futuro, a gente vai mesmo porque não tem outra coisa pra fazer e quem não sabe ler aí fica difícil, tem que escapar por aqui mesmo. **Seu Benedito, pescador há mais de 20 anos.**

Os entrevistados foram perguntados acerca de quem lucra mais nessa cadeia produtiva. Disseram que o lucro maior fica ora com o atravessador, ora com o dono do barco:

(...) lagosta tá quase de 100 reais, por exemplo, você paga pra mim sabe a como? A 1 real o quilo, ou 1,50. (...)é uma injustiça (...). **Seu João dos Milagres, pesca desde os 10 anos, aprendeu o ofício com o pai.**

Acho que quem lucra mais é o dono (...) a despesa também é dele, do dono né, mas quem lucra mais é o dono, pesca de lagosta, pesca de peixe. O pescador vai pescar peixe, 10 pescador lá, 1 quilo de peixe eles pagam a 1 real e pouco, e o cara...o dono do barco vende de 12, 15 real, até de 17 ele vende, então a maioria é do dono do barco né, o pescador não ganha nada. **Seu Luiz, ex pescador.**

Segundo Maldonado (1986, p. 30), ao se estudar a especificidade da produção marítima é consenso caracterizar a pesca como uma atividade muito arriscada, não apenas em relação à segurança física dos pescadores, mas também em relação aos reveses que eles sofrem no mercado, “decorrentes da exploração e ganância dos intermediários e da perecibilidade do pescado, que exige comercialização rápida”.

Dentre as dificuldades mais citadas, a escassez de pescado é uma questão recorrente no discurso dos entrevistados. Muitos registraram que a quantidade de peixes na região diminuiu consideravelmente, sobretudo de uns quinze anos para cá:

(...) de 2000 pra cá arruinou muito e é arruinando direto, por isso os pais de família tão deixando essa vida de mão, caiu muito a pesca no Ceará. **Seu Epaminondas, pescador há 33 anos.**

(...) de primeiro era muito bom, mas hoje, pra eles arranjam peixe mesmo tem que ir muito longe, muito mesmo pra dentro d'água (...) **Dona Marcilene, marisqueira, filha de pescadores.**

Tá com uns 15 anos...dá pra cá arruinou a atividade da pesca, a produção mais pouca, é muita navegação, aí...tudo hoje em dia...quando vai chegando por essa

época aí tudo é mais pouco né (...) diminuiu muito, diminuiu 70% do pescado. **Seu Joaquim, pescador há 36 anos.**

(...) primeiro as canoas ia ali (...) saiam como agora a tarde quando fosse pela manhã já chegavam com peixe, hoje passa 4, 5, 6 dias pra poder pegar uns 300, 400 quilos de peixe, você vê que já diminuiu (...) primeiro eles pegavam só numa noite (...) hoje passa 4, 5 dias pra poder pegar, é mais dificultoso né, já vão mais longe ainda (...) **Dona Leidiane, do lar, esposa de pescador.**

Esse fenômeno, segundo os participantes, não se aplica somente aos peixes, mas também aos crustáceos, em especial a lagosta que pelo alto preço de mercado sempre representou uma importante fonte de renda aos pescadores da região.

(...) pesca já deu (...) primeiro o pessoal pegava lagosta aí, era bem facin, hoje pra pegar lagosta vai buscar no mar do Pará. Os pescador vai, passa 40 dias na embarcação pra poder pegar aquela lagosta, antigamente pegava aqui de frente, tudo tá diminuindo (...) **Dona Leidiane, do lar, esposa de pescador.**

(...) a lagosta acabou-se pra gente, não tem mais, não é mais como era, hoje muitos pais de família tá deixando, a pesca está muito fraca e outra a gente não aguenta mais, tá ficando velho. **Seu Epaminondas, pescador há 33 anos.**

Entre as supostas razões para a diminuição dos estoques pesqueiros, segundo os participantes, estão os barcos ilegais e a grande quantidade de pessoas - físicas e jurídicas - explorando a atividade.

(...) barco de pesca ilegal (...) acaba com tudo. **Seu Joaquim, pescador há 36 anos.**

(...) antes era mais fácil (...) a exploração era menos, tinha menos pescador, hoje tem mais, e devido que esse meio empresário aumentou muito né, o cara tem dois barcos, tem dois currais, aí ele já é um meio empresário, aí aumentou muito, então muitas vezes a nossa produção artesanal ela fica um pouco lá embaixo, desvalorizada por isso mesmo né, você sabe que o que é de empresa ela sempre tem meio pra que seja mais evoluído no preço e vai pro controle de qualidade né, e o nosso não, era mais assim... **Seu João dos Milagres, pesca desde os 10 anos, aprendeu o ofício com o pai.**

Para Silva (2008) a pesca artesanal sofreu um processo ora de estagnação, ora de queda. Isso se deve a vários fatores, entre eles a exploração excessiva dos estoques pesqueiros. Maldonado (1993), em sua obra “Mestres & Mares: Espaço e Indivisão na Pesca Marítima”, lembra que em diversas ocasiões na história da pesca, a indústria invadiu, com sua frota e suas práticas, os espaços produtivos e sociais da pesca artesanal.

Fazendo um breve retrospecto do crescimento dos desembarques mundiais das últimas décadas, Melo afirma que:

De modo geral, os desembarques mundiais cresceram exponencialmente até o fim da década de 80; houve um declínio de sua taxa de crescimento até atingir o seu pico de produção em meados de 1990 para, em seguida, apresentar tendência visível de queda. Essa condição sugere que, de modo geral, as capturas marinhas mundiais teriam ultrapassado o seu máximo sustentável e estariam em fase de decadência da atividade. (MELO, 2012, p. 45)

A progressiva demanda mundial por alimentos e matérias-primas impeliu a exploração dos estoques pesqueiros, conduzindo a uma diminuição da população de várias espécies capturadas no ambiente marinho. Tais fatores, portanto, evidenciam a existência de sobrepesca no mundo, conclui o autor.

Pôde-se constatar, no discurso de alguns pescadores, que eles próprios - enquanto classe -, admitem terem contribuído com a pesca predatória, seja desrespeitando o tamanho mínimo de captura de cada espécie, seja pela utilização de artes de pesca proibidas por lei:

(...) tem deles que não traz uma lagosta, mas você sabe por que? Porque eles pegaram tudinho no ano passado, desde a lagosta grande até àquela lagostinha miúda (...) **Seu João dos Milagres, pesca desde os 10 anos, aprendeu o ofício com o pai.**

(...) essa armadilha que nós fizemos, o povo fez pra lagosta, quando era manzuá era muita fartura, e a gente não pegava miúda, hoje não, hoje não tem mais moral (...) hoje o pai de família não respeita mais né (...). **Seu Epaminondas, pescador há 33 anos.**

(...) nós tamos passando uma crise ruim mesmo (...) tem dias que a gente vai ali pras Marambaia e não pega 1 quilo de peixe pra comer, porque num existe, a gente saia daqui passava 40 dias no mar do Maranhão, tinha dias que pegava de 200, 300 quilos de cação, era só tirando as abas e soltando n'água, ai eu dizia isso aqui vai fazer falta e fez, num existe mais, num tem mais, devido a armadilha da rede (...). **Seu Epaminondas, pescador há 33 anos.**

Hoje nós temos uma grande dificuldade é que nós não temos mais o nosso produto respeitado pelo próprio pescador. **Seu João dos Milagres, pesca desde os 10 anos, aprendeu o ofício com o pai.**

Quanto aos problemas de saúde relatados pelos entrevistados, vão desde o perigo de se adquirir um câncer de pele - em razão da constante exposição ao sol - até uma incapacitação total para o exercício da profissão em decorrência de problemas músculo-esqueléticos:

Pra marisqueira arranjar um câncer de pele é bem rapidinho (...) cada dia que passa o sol tá pior (...) cê vai mariscar, se não tem protetor né, às vezes o dinheiro num dá pra comprar e tem que ir. E pros pescador mesmo que vão pro mar é do barco virar né, risco de morte mesmo. **Valdete, marisqueira e filha de pescadores**

Os mais comuns eu vou tirar por dentro da minha casa mesmo, pelos meus irmãos. Alguns adquiriram problemas na coluna, alguns adquiriram problemas (...) nos tecidos musculares, alguns já adquiriram problemas na vista, alguns já adquiriram problemas na pele. **Dona Conceição, professora de ensino fundamental, esposa de ex pescador.**

Segundo a Dona Conceição, os irmãos são pessoas novas, de 35, 40 anos, que foram obrigados a abandonar a pesca e hoje sobrevivem de “bicos” por não conseguirem mais exercer a profissão.

Rios, Rego e Pena (2011) estudaram os fatores de risco para as doenças ocupacionais e agravos à saúde dos trabalhadores da pesca (exceto os relacionados

à acidentes de trabalho). Afirmam que os fatores de risco podem ser decorrentes do ambiente de trabalho (frio, calor, umidade, ventos, radiação solar, vibrações); do comportamento do próprio pescador (fumo, consumo excessivo de álcool, uso de drogas) e dos fatores sociais, como a jornada de trabalho extenuante, as condições socioeconômicas adversas, o baixo nível de instrução e a posição baixa na ordem de classe social.

Como principais agravos à saúde desses trabalhadores, descrevem alguns citados pelos entrevistados:

(...) problemas músculo-esqueléticos, lesões de pele, alergias respiratórias, problemas oftalmológicos, respiratórios e urogenitais, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros; (RIOS; REGO; PENA, 2011, p. 175)

Os autores ressaltam, ainda, que ao uso abusivo do álcool foi atribuída a chance maior de adoecer, além de aumentar o risco de acidentes.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a maior parte das pessoas analfabetas entrevistadas são pescadores, marisqueiras e ex-pescadores. Na percepção dos entrevistados, a profissão de pescador não é valorizada pela sociedade em razão de ser pouco rentável, não oferecer melhoria das condições de vida, não propiciar acesso a determinados benefícios sociais básicos e por não haver políticas públicas para essa categoria. Para maior parte deles, a postura inadequada do pescador em sociedade, resultante, sobretudo, do uso habitual de drogas e envolvimento com a prostituição, também contribui para a desvalorização da profissão.

Como principais dificuldades da profissão de pescador foram listados o perigo de se trabalhar no mar, a baixa lucratividade da atividade, a imprevisibilidade da produção, a escassez do pescado e os problemas de saúde resultantes desse ofício.

A análise revelou, ainda, que no entendimento dos pais a pesca é uma atividade sofrida, perigosa e pouco rentável. Por essas razões e, ainda, por não vislumbrarem perspectivas de futuro na área da pesca, a maior parte deles afirmou não incentivar os filhos a ingressarem no curso.

Verificou-se que os fatores que contribuem para a baixa demanda do curso de pesca são múltiplos, complexos e de difícil solução. Muitos deles não exclusivos da região de Acaraú, mas sim de amplitude mundial. Apesar desse fato, faz-se necessária uma interlocução maior entre o IFCE e os empreendimentos privados vinculados à pesca, os órgãos de governo e a comunidade de pescadores/marisqueiras. Ações de extensão destinadas a elevação da autoestima dessa categoria, estimulando-os a se alfabetizarem; às boas práticas de saúde e higiene; aos direitos básicos do cidadão e dos pescadores e, principalmente, de incentivo ao empreendedorismo e formas de associativismo, podem contribuir com a elevação da demanda.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORNHOLDT, Ellen & WAGNER, Adriana. A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In: WAGNER, Adriana (org). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Disponível em: <<http://goo.gl/BbAJAl>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. **Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei no 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Povos do mar: herança sociocultural e perspectivas no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 45-48, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/UxOAjt>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em Educação: pressupostos teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/l3wlqL>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (org). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GARCIA, Narjara Mendes. **Educação nas famílias de pescadores artesanais**: transmissão geracional e processos de resiliência. 2007. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/bH63ID>>. Acesso em: 03 fevereiro de 2015.

LOPES, Vera de Fátima Maciel; et al. Dinâmicas territoriais e a organização dos pescadores: A experiência da rede solidária da pesca no Brasil. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, v. 11, n. 2, p. 187-96, 2011. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-230_Lopes.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2015.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres & Mares**. São Paulo: Ánalube, 1993.

_____. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986. (Séries Princípios).

MELO, Vinícios Pagani de. **Políticas públicas e a sustentabilidade da pesca marinha no Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. Brasil. **Pesca**. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/index.php/pesca>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

_____. Brasil. **Boletim do registro geral da atividade pesqueira**: RGP: 2012. Brasília, DF: MPA, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/Ky26zB>> Acesso em 12 de outubro de 2015.

MUNIZ, Túlio de Souza. **O ouro do mar: do surgimento da indústria da pesca da lagosta no Brasil à condição do pescador artesanal na história do tempo presente (1955-2000): Uma narrativa sócio-histórica marítima.** 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: <<http://www.historia.ufc.br/admin/upload/DISSERTA%C3%87AOTULIO.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

RIOS, Antoniel de oliveira; REGO, Rita de Cássia Franco; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Doenças em trabalhadores da pesca. **Revista brasileira de saúde pública**, v. 35, n. 1, p. 175-188, jan./mar. 2011.

SILVA, Fausta Calado. et al. **Educação para inclusão: programa pescando letras**, Florianópolis. In: FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis.

VARGAS, Juliane. **A relação entre a oferta e demanda de curso técnico de nível médio subsequente: um estudo sobre o Curso de Pesca do Instituto Federal do Ceará, campus Acaraú.** 2016. 131 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-100-8

